



REVISTA DE **CIÊNCIAS SOCIAIS DA UEMS**

TEORIA POLÍTICA, ESCRAVIDÃO NO MUNDO ANTIGO E O CONCEITO DE DEMOCRACIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA DE ELLEN MEIKSINS WOOD

Décio Fernando Moraes Ferrari¹

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é identificar na obra de Ellen Meiksins Wood (1942-2016) o processo de construção da democracia a partir da Grécia Antiga e como eventos específicos daquela sociedade tornam possível uma análise crítica da história social da teoria política. A obra de Wood é marcada por severas críticas ao capitalismo e como este foi suprimindo a democracia em seus mais distintos níveis. Para a realização do trabalho, parte-se da premissa de que, tal como observado por Wood, Sócrates, Platão e Aristóteles tiveram forte influência de seus respectivos contextos sociais em suas obras e, estes cenários acabaram por ter relação direta com a construção do conceito de teoria política na antiguidade. Neste sentido, o artigo realiza uma análise estrutural e cronológica da construção dos conceitos de democracia e teoria política, dentro dos limites teóricos e metodológicos, permeando a Grécia Antiga e analisa ainda como a teoria política fora recebendo interpretações contemporâneas. Assim, busca-se ainda na obra de Wood o significado de classe e ideologia na sociedade grega, analisando de forma específica como o conceito de escravidão é compreendido pela autora naquele cenário político e sua relação com o conceito de democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Política. Ellen Wood. Democracia. Marxismo.

POLITICAL THEORY, SLAVERY IN THE ANCIENT WORLD AND THE CONCEPT OF DEMOCRACY: AN ANALYSIS BASED ON THE WORK OF ELLEN MEIKSINS WOOD

ABSTRACT: The main objective of this work is to identify in the work of Ellen Meiksins Wood (1942-2016) the process of building democracy from Ancient Greece and how

¹ Doutorando em Ciências Sociais (UNESP). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atualmente é coordenador e professor do curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Iporã - FIP, professor de história e geografia no Sapiens Colégio e na Rede Ensino Elite e tutor da UAB - Universidade Aberta do Brasil, no curso de Administração Pública e Pedagogia (UEM).

* Uma versão inicial desta discussão foi apresentada em forma de resumo expandido no 9º Congresso Latino-americano de Ciência Política da ALACIP, realizado em 2017 na cidade de Montevidéu (Uruguai).

specific events of that society make possible a critical analysis of the social history of political theory. Wood's work is marked by severe criticism of capitalism and how it was suppressing democracy at its most distinct levels. For the realization of the work, it starts from the premise that, as noted by Wood, Socrates, Plato and Aristotle had a strong influence of their respective social contexts in their works, and these scenarios ended up having a direct relationship with the construction of the concept of political theory in antiquity. In this sense, the article performs a structural and chronological analysis of the construction of the concepts of democracy and political theory, within the theoretical and methodological limits, permeating Ancient Greece and also analyzes how political theory had received contemporary interpretations. Thus, Wood's work also seeks the meaning of class and ideology in Greek society, analyzing specifically how the concept of slavery is understood by the author in that political scenario and its relationship with the concept of democracy.

KEYWORDS: Political Theory. Ellen Wood. Democracy. Marxism.

LA TEORÍA POLÍTICA, LA ESCLAVITUD EN EL MUNDO ANTIGUO Y EL CONCEPTO DE DEMOCRACIA: UN ANÁLISIS DE LA OBRA DE ELLEN MEIKSINS WOOD

RESUMEN: El principal objetivo de este trabajo es identificar en la obra de Ellen Meiksins Wood (1942-2016) el proceso de construcción de la democracia desde la Antigua Grecia y cómo hechos específicos de esa sociedad hacen posible un análisis crítico de la historia social de la teoría política. El trabajo de Wood está marcado por una severa crítica al capitalismo y cómo estaba reprimiendo la democracia en sus niveles más distintos. Para la realización de la obra se parte de la premisa de que, como señalan Wood, Sócrates, Platón y Aristóteles tuvieron una fuerte influencia de sus respectivos contextos sociales en sus obras, y estos escenarios terminaron teniendo una relación directa con la construcción del concepto de la teoría política en la antigüedad. En este sentido, el artículo realiza un análisis estructural y cronológico de la construcción de los conceptos de democracia y teoría política, dentro de los límites teóricos y metodológicos, permeando la Antigua Grecia y también analiza cómo la teoría política había recibido interpretaciones contemporáneas. Así, el trabajo de Wood también busca el significado de clase e ideología en la sociedad griega, analizando específicamente cómo el autor entiende el concepto de esclavitud en ese escenario político y su relación con el concepto de democracia.

PALABRAS-CHAVE: Teoría Política. Ellen Wood. Democracia. Marxismo.

INTRODUÇÃO

Ellen Meiksins Wood (1945-2016) foi uma politóloga e historiadora marxista que um ganhou espaço gradativo na academia latino-americana ao longo das últimas décadas. Especificamente no Brasil, Wood ganhou espaço no final dos anos 80 e início dos anos

2000, com a publicação de *Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico*, que embora tenha sido traduzido para a língua portuguesa somente em 2003, fora escrito em 1995. A partir deste texto e a forma como a autora analisa a sociedade da Grécia Antiga no tangente ao trabalho escravo e a interpretação contemporânea de democracia, Wood quebra alguns paradigmas e propõe novos, que serão aqui brevemente analisados.

Buscar-se-á assim, a partir da obra de Ellen Wood identificar o processo de construção da democracia a partir da Grécia Antiga e como eventos específicos daquela sociedade tornam possível uma análise crítica da “história social da teoria política”², analisando concomitantemente a contribuição de seu pensamento, juntamente ao de Neal Wood para a Teoria Política. Ellen traz uma crítica na forma como o capitalismo se desenvolveu na Europa Ocidental e como este apropriou-se do conceito clássico de democracia. Em sua tese, a autora traz para a Ciência Política novos apontamentos, repensando antigos paradoxos da área de Ciências Humanas de um modo geral. Ao trabalhar o conceito de democracia, a autora defende que o capitalismo se apropriou deste e deu a ele suas características. Para a defesa de sua tese, a autora analisa o processo de trabalho e escravidão grego, pontuando como o conceito de trabalho era definido naquela sociedade e como este veio sendo transformando nas sociedades modernas e contemporâneas, principalmente após o surgimento do capitalismo, refletindo assim em uma transfiguração do conceito de democracia. Para analisar a teoria de Wood, serão discutidas neste trabalho algumas obras da autora, visando levantar alguns apontamentos da proposta desta comunicação. Não se pretende aqui teorizar a respeito do pensamento de Wood e sim elencar alguns elementos que tornam-se essenciais para a compreensão do “método woodiano” de analisar a conjuntura socioeconômica, que embora marxista, apresenta alguns paradigmas inovadores ao marxismo clássico ou até mesmo as suas interpretações no pós-Guerra Fria. Não se espera também apontar as lacunas metodológicas na conjuntura da obra de Ellen Wood, que embora existam, não é o objetivo deste trabalho.

² Este termo foi utilizado pela primeira vez por Neal Wood (1978) em *The social history of political theory* pela revista *Political Theory* e no mesmo ano, em conjunto com Ellen Wood, esse conceito foi aprofundando e o teve seu método aplicado para o estudo teóricos da Grécia Antiga, como Sócrates, Aristóteles e Platão, através de uma análise social contextualista, difundida na obra *Class ideology and ancient political theory: Socrates, Plato, and Aristotle in a social context*, que será analisada de forma mais detalhada a frente.

Torna-se necessário observar brevemente como a obra de Wood foi absorvida na América Latina após a tradução dos primeiros textos para o português e para o espanhol. Seus textos foram difundidos na academia latino-americana e especificamente na brasileira, ainda no fim dos anos 80. Porém, naquele momento seus estudos chegavam através de artigos e textos fragmentados, atingindo restritamente pesquisadores marxistas latino-americanos, não levantando grandes discussões teóricas.

Entretanto, entre o fim do século XX e o início do século XXI esse cenário foi modificado, devido a publicação de algumas de suas obras traduzidas para o português e para o espanhol. Assim popularizava-se o modo “woodiano” de compreender o capitalismo e suas implicações políticas e sociais no modo de ver a democracia e suas relações estruturais.

No Brasil suas obras chegaram através das editoras Jorge Zahar Editor e Boitempo Editorial. A primeira obra a ser impressa em solo brasileiro foi *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo* (1999), dois anos após a versão original ser publicada em inglês pela *Montly Review Press*. Neste livro, uma coletânea de artigos organizados em parceria com John Bellamy Foster, os autores apresentam um total de 12 textos, dos mais variados pesquisadores marxistas daquele momento sobre os mais variados temas. Esta obra foi o gatilho para uma das vertentes do pensamento woodiano: a crítica ao pós-modernismo.

É logo na introdução que Wood apresenta tais críticas, apontando que os pós-modernistas possuem descaso com a história, acabando assim por inúmeras vezes negligenciar a importância deste campo para a compreensão de fenômenos políticos e sociais. A crítica da autora é pautada justamente na direção em que muitos teóricos seguiram após os anos 1990, decretando o fim da história, uma alusão a queda do Bloco Soviético e o desmembramento da URSS.

Na crítica pós-modernista, Wood observa que a “época de ouro” do capitalismo acabou por fragmentar algumas vertentes ideológicas, tanto da esquerda, quanto da direita, que movidas pelo movimento de contracultura dos anos 1960, acabaram por produzir novas gerações de estudantes e intelectuais que não se contentavam mais em estudar o pós-modernismo, declaravam-se agora pós-modernistas. Nesse sentido, a nova onda “pós-modernista” observada no início dos anos 1990 ainda estava vislumbrava com o capitalismo consumista dos anos 1950 e 1960 e em alguns casos, ideologicamente falando, não havia notado a crise deste sistema, que é caracterizado pela autora como um “sistema morto vivo” (WOOD, 1999, p. 9-10).

Nesse sentido, esta comunicação está dividida em três momentos. O primeiro analisa as bases do pensamento de Ellen Wood e indiretamente as influências de Neal Wood, Karl Marx e Edward Thompson. Em um segundo momento buscar-se-á identificar conceituar alguns termos recorrentes na obra de Wood e sua relação com a crítica ao pós-modernismo e as interpretações liberais do conceito de democracia. Já caminhando para as considerações finais pretende-se analisar a própria história do capitalismo, que na visão de Wood apresenta alguns problemas conceituais e conjunturais em sua narrativa tradicional.

Assim, espera-se levantar tais temas, ainda que em alguns momentos de forma quase descritiva, buscando delimitar as bases do pensamento de Ellen Wood e contribuição da autora para a teoria política, uma vez que Wood também apresenta metodologias que fogem do tradicional contextualismo, desenvolvendo e aplicando o conceito de “contextualismo sócio-histórico” a vários clássicos desta vasta área do conhecimento.

UM BREVE PANORAMA DO PENSAMENTO DE ELLEN MEIKSINS WOOD

Ellen Meiksins Wood trouxe para o marxismo e para o pensamento de esquerda, em suma, novos paradigmas. A base de todo seu pensamento é pautada em uma preocupação primordial em identificar a “relevância da política como instrumento de dominação social e do lugar dos conflitos especificamente políticos nos processos de transição entre os diferentes modos de produção e de dominação de classe” (MONTENEGRO, 2012).

A análise de Ellen Wood sobre o papel da política e os teóricos clássicos é de que não existe uma interpretação imediata dos fatos históricos, contrapondo uma das vertentes marxistas “pós-Marx” e por sua vez colocando a superestrutura, que classifica algumas esferas em “níveis” – político, econômico, social -, em um caráter de questionamento. Para o sustento desse argumento, Wood apresenta os problemas teóricos que a classificação em base/superestrutura gerou ao longo dos anos, principalmente por suas apropriações.

Esta preocupação é desenvolvida justamente sob uma análise dos processos de construção do conceito de democracia e da apropriação que vertentes da Ciência Política realizaram destes conceitos. Para fundamentar esta tese a autora se apropria de um

argumento que justifica a separação entre o político e o econômico, buscando assim na obra de Marx as bases desta separação.

Observa-se que nos argumentos utilizados por Wood para a crítica à tradicional separação entre o econômico e o político, a autora afirma que as esferas que sustentam esses sistemas superam uma discussão apenas teórica. No caso do capitalismo, Wood afirma que este é marcado por uma diferenciação única da esfera econômica, estando assim a esfera política atrelada à econômica. Esta tese é desenvolvida quando a autora observa que “a apropriação do excedente de trabalho ocorre na esfera ‘econômica’ por meios econômicos”, ou seja, “obtem-se a apropriação da mais-valia por meios determinados pela separação completa do produto das condições de trabalho e pela propriedade privada absoluta dos meios de produção pelo apropriador” (WOOD, 2003, p. 34).

Nesse cenário, o produtor não possui a esfera política, mas ainda assim, a esfera econômica acaba atuando, a médio e longo prazo, como a força que obriga o produtor a vender sua forma de trabalho e caracterizar essa relação de mais-valia tal como a existência de uma força política para exercer esta finalidade. O trabalhador inserido no sistema capitalista, ainda que livre, têm as funções sociais do trabalho transfiguradas e absorvidas por meios não autoritários e/ou políticos, uma vez que ele depende de sua produção para a sobrevivência e é obrigado a vender sua força de trabalho por um valor redutível do real (WOOD, 2003, p. 35).

Ainda no que se refere a metáfora da base/superestrutura, Wood (2003: 51) aponta que

As objeções à metáfora da base/superestrutura se referiam geralmente ao seu “reducionismo”, tanto a negação da ação humana quanto sua incapacidade de atribuir um lugar adequado aos fatores “superestruturais”, à consciência tal como incorporada na ideologia, na cultura e na política. As correções a esse reducionismo assumiram geralmente a forma de um chamado “humanismo” marxista, ou, então, de uma ênfase na “autonomia relativa” dos “níveis” da sociedade, sua interação mútua, e de um adiamento da determinação pelo “econômico” até a “última instância”.

Essa opção pelo marxismo humanista, rejeitada por alguns teóricos, dentre eles Althusser, que acabou por desencadear uma forma de redefinir a relação entre a base e a superestrutura, propondo uma nova relação estrutural, desenvolvendo em Wood algumas preocupações conceituais.

No entanto as bases do pensamento de Ellen Wood foram lançadas logo em seus primeiros textos. Ainda na década de 1970, em parceria com Neal Wood, Ellen publica *Class ideology and ancient political theory: Socrates, Plato, and Aristotle in a social context*, visando apresentar a discussão que norteia suas obras posteriores. Nesta obra são apresentadas análises mais profundas sobre a *polis* e sua estrutura, visando identificar os problemas inicialmente constatados pela autora no tangente a democracia e seu uso pelas vertentes liberais nos séculos seguintes, que se apropriaram do conceito de democracia e acabaram por utilizá-lo como argumento a hegemonia capitalista. É nesta obra que os autores apresentam a estrutura de uma nova análise estrutural, que inicialmente realiza uma análise contextual, adequando o autor ao seu tempo histórico e conflitos políticos e econômicos que este pode ter tido contato. E em um segundo momento é realizada uma biografia completa do teórico, visando identificar suas motivações e possíveis interferências. E, com este pano de fundo são analisados os clássicos gregos – Sócrates, Platão e Aristóteles -, buscando identificar a relação destes com a *pólis* grega e como seus respectivos contextos interferiram em suas concepções conceituais, negando assim interpretações puramente contextualista (WOOD, WOOD, 1978, p. 89).

O contexto social e a carga histórica são centrais na compreensão do pensamento de Ellen Wood, que diferencia em vastos momentos a escravidão grega da escravidão colonial, tal como o burguês comerciante do capitalista, que em inúmeros momentos de sua obra são contrapostos pela tradicional assimilação conceitual de serem o mesmo indivíduo. Assim, torna-se necessária uma breve análise dos eventos que contribuíram para o desenvolvimento da democracia na Grécia Antiga e influenciaram a crítica woodiana.

Um dos primeiros eventos seriam as Reformas de Clístenes, que acabaram por ampliar os direitos de voto no século VI a.C. tornam-se um ponto de partida para a tese defendida por Wood. Ao alterar a estrutura política da Grécia Antiga, Clístenes, acabou por desenvolver a divisão dos cidadãos em tribos e assim contribuição para a construção dos *demos*, que ao longo dos anos torna-se central para a compreensão das relações de poder daquele contexto. Esse é o pano de fundo para o início de uma “história da democracia”, ao menos em seu significado clássico, que é o defendido em grande parte do pensamento de Ellen (WOOD, 2003, p. 181-182).

Nesse mesmo cenário, a desmembração do arquipélago grego acabou por dar o contexto no que concerne a democracia e posteriormente com a criação do cargo dos juízes dos *demos* e a remuneração dos cargos políticos, uma consequência direta é a

restrição da cidadania através das Leis de Péricles, que delimitou a cidadania apenas a indivíduos com ambos os pais atenienses e acabou por tornar-se uma das medidas mais controversas do período. Essa ruptura democrática entre os séculos VI e V a.C. é resultado de um golpe de Estado dado pela aristocracia, que assistia a crescente ascensão de cidadãos e suas reivindicações políticas. O retorno do princípio grego de democracia só ocorreria ao fim da Guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C.), que contrapôs belicamente Atenas e Esparta, as duas mais importantes cidades-Estados gregas naquele momento. Ainda que o crescimento de Atenas tenha sido o que a historiografia defina como um dos principais motivos da guerra, seu término acabou por reestabelecer em Atenas a cidadania, estendendo-a novamente a outros grupos sociais e devolvendo assim o pleno funcionamento da democracia (WOOD, 2003, p. 183)³.

No entanto esses eventos servem para contar uma história grega da democracia. E a preocupação de Wood é justamente as interpretações que foram realizadas a partir dessa definição grega, dando um carácter quase que exclusivamente liberal ao conceito, quase que inerente a questionamentos, ao menos no tangente a sua tradicional narrativa difundida após o Iluminismo.

Para lidar com estas problemáticas teóricas, Wood busca discutir conceituações liberais de concedidos herdados dos gregos e pautando uma análise que atravessa política, economia e filosofia na Grécia Antiga a autora assinala a necessidade de uma ligação entre teoria e prática, onde assinala que

Teoria e prática são unidas. Elas não podem ser separadas de forma arbitrária ou simplista, por abstração de conceitos do passado e aplicá-los para as condições contemporâneas. Se nossa rica herança histórica é para beneficiar na construção de teorias de relevância para os urgentes problemas políticos do presente, devemos então aprender a apreciar a união da teoria com a prática no passado, o relacionamento das ideias e do domínio da ação social em que elas foram concebidas. Apenas por

³ É importante ressaltar ainda que estes são apenas alguns dos eventos apontados por Wood, que embora não realize uma explanação histórica tão densa destes eventos, os mesmos estão dentre os mais difundidos no estudo realizado pela historiografia da Grécia Antiga. Esses eventos acabaram por desencadear uma “luta de classes no mundo antigo”, assim chamada por Wood devido a contraposição que estes eventos colocaram os aristocratas e o cidadão-camponês. Este conceito de luta de classes torna-se operacional não só na definição woodiana de democracia, mas é recorrente em vários outros estudos de teóricos da história e da ciência política. A subordinação dos camponeses e dos demais grupos à nobreza desencadearam assim o problema da ausência de cidadania política e a divisão entre governantes e produtores produziram excedentes na produção, que ao serem removidos de forma política, evidenciavam ali a luta de classes e para contrapor essa relação entrava no cenário ateniense Esparta, que representando a força política configurou-se como a cidade-estado responsável por intervir naquela situação. Por fim, os eventos que devolvem o carácter democrático a Atenas só se consolidam após Sólon cancelar as obrigações por renda, que por sua vez contribuem para a restauração do *demos* por uma insurreição popular (WOOD, 2003, p. 184).

agarrar a concepção entre as ideais e a ação no passado, podemos sempre esperar para relacionar a teoria com a prática de um modo significativo e útil nos dias atuais (WOOD, WOOD, 1978).

A análise de Wood naquele momento é justamente de que a história apresenta elementos essenciais em que a teoria e a prática devem ser associadas ao trabalhar os conceitos, tal como na sociedade grega clássica. A importância central para a história e para o contexto histórico de um modo geral também atravessa toda sua obra, nos mais variados temas.

Na obra de Wood a crítica ao capitalismo, ao menos especificamente, é realizada em dois momentos. O primeiro momento é desenvolvido em *A origem do capitalismo*, de 2001, obra esta definida por Wood como um manifesto político e acadêmico acerca das diversas interpretações da formação capitalista ao longo dos anos. A referida obra surge justamente em um momento em que uma crise econômica afetava algumas potências globais, logo após o enfraquecimento do mercado asiático em 1998. Foi esse contexto, movido pelo “calor da hora” que motivou Wood a concluir suas pesquisas neste início de século e publicar o livro.

Partindo deste contexto, Wood recorre novamente ao capitalismo “morto vivo”, que se fortalece em crises e nas contradições de algumas economias de determinados momentos e que de um lado levantavam a bandeira de um próspero capitalismo e do outro apresentavam sinais de enfraquecimento e grande recessão, como fora o caso dos EUA em 2003 e 2008.

Para endossar tais argumentos, Wood apresenta uma crítica ao processo de construção do capitalismo, ou melhor, na forma como tem sido feita a interpretação de sua origem, tanto por correntes da direita quanto da esquerda. Neste livro a tese principal da autora é justamente a forma como alguns historiadores e cientistas políticos estiveram analisando a história do capitalismo ao longo do século XX e como tais análises refletiram no sentimento de uma falsa sensação de estabilidade econômica. Para Wood, algumas vertentes e estudiosos olham para o próprio capitalismo como possuidor de uma autoexplicação, como se seu surgimento fosse inevitável e natural à qualquer sociedade humana, principalmente após o colapso da União Soviética em 1991 com as aberturas econômicas de Mikhail Gorbachev⁴.

⁴ Durante o processo de implementação da *glasnost* e da *perestroika* o Ocidente assistiu a ruína do bloco soviético e junto com ele a abertura da URSS ao capitalismo, dando assim uma sensação de vitória no início da Nova Ordem Mundial e é justamente esse sentimento que a autora aponta como um dos problemas

Assim, os argumentos de Wood apontam que

Desde que os historiadores começaram a explicar o surgimento do capitalismo, quase não houve explicação que não começasse por presumir a própria coisa que precisava ser explicada. Quase sem exceção, os relatos sobre a origem do capitalismo são fundamentalmente circulares: presumem a existência prévia do capitalismo para explicar seu aparecimento. No intuito de explicar o impulso de maximização do lucro que é característica do capitalismo, pressupõe a existência de uma racionalidade universal maximizadora do lucro; para explicar o impulso capitalista de aumentar a produtividade do trabalho através de recursos técnicos, pressupõem um progresso contínuo e quase natural do aprimoramento tecnológico na produtividade do trabalho (WOOD, 2001, p. 13).

A naturalidade apontada pela autora no tangente ao próprio sistema capitalista fora um dos principais argumentos dos defensores mais férreos deste sistema no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, com a Nova Ordem Mundial e a reorganização das ações geopolíticas dos Estados Unidos da América no pós-Guerra Fria. É justamente com essa naturalidade que se analisa o capitalismo através de sua autoeplicação, propondo que este foi sendo desenvolvido de acordo com a necessidade de uma organização social, ignorando o fato de que estas explicações apenas buscam legitimar a maximização de lucros de uma classe dominante ao longo da história.

Vale ressaltar ainda que a própria história do capitalismo, difundida pelas interpretações das Revoluções Burguesas⁵, ou melhor, o processo histórico de formação do capitalismo, está impregnado de eventos hegemônicos, algo que alguns historiadores denominariam de a “história vista de cima”, que nada mais é do que uma narrativa realizada pelo lado que sai beneficiado de um evento ou processo, como é o caso do capitalismo, narrado por uma elite intelectual liberal.

Observa-se então que a crítica woodiana é caracterizada no não questionamento de uma parcela da academia no que se refere a origem e ascensão do capitalismo, quase como que se tal sistema fizesse-se necessário para o funcionamento das sociedades

daqueles que declaram o “fim da história” (pós-modernistas), devido ao comportamento de parte da academia a partir daquele momento, dando grande impulso para a crítica woodiana.

⁵ O termo de Revolução Burguesa é negado por Ellen Wood. A autora defende que alguns historiadores como François Guizot acabaram que, direta ou indiretamente, por difundir um ideal de formação do capitalismo sem um questionamento de sua origem. Na visão da autora, é Guizot o responsável, ao menos historicamente falando pela definição do conceito de revolução burguesa, não Marx e Engels têm-se difundido secularmente. Para fundamentar este argumento Wood busca na negação da Revolução Inglesa como uma revolução liberal e na reafirmação da Francesa como tal, desde que não seja vista como responsável pela formação de um capitalismo industrial, devido a sua origem burguesa e agrária. (WOOD, 2015).

contemporâneas e não devesse ser questionado, mantendo assim seu *status quo*, independentemente de suas crises⁶ ao longo da história.

É neste momento que entra em cena no pensamento de Ellen Wood a crítica a apropriação da democracia por alguns teóricos defensores do capitalismo, onde a democracia seria inconcebível sem o capitalismo. Assim, Wood busca provar o contrário, que o capitalismo é incompatível com a democracia devido ao sistema de exploração de uma classe sobre a outra, desconfigurando seu ideário grego clássico (WOOD, 2003).

A fundamentação da crítica woodiana em *A origem do capitalismo* é dividida em três etapas. A primeira questiona a tradicionalização que se estabeleceu na história de vincular o capitalismo ao fim da Idade Média, o comumente definido como capitalismo mercantil. Para refutar essa vertente, Wood discute o recorrente vínculo do Renascimento Comercial e Urbano ao surgimento do capitalismo, uma vez que este encontrava-se preso aos grilhões que impendiam o pleno desenvolvimento do individualismo econômico e posteriormente do próprio capitalismo. Em um contra-argumento, nessa primeira fase, Wood afirma que a história tradicional do surgimento do capitalismo muitas vezes negligencia a relação entre o burguês e sua relação com o comércio, onde este primeiro é visto por grande parte da historiografia como o primeiro capitalista moderno em um mundo pós-feudal (WOOD, 2001, p. 23).

O outro debate apresentado por Wood é pautado nas definições marxistas para a origem do capitalismo. Ao analisar de um modo minucioso os conceitos e explicações propostos pelos principais teóricos, dando destaque as análises de Karl Marx e Edward Thompson. Na análise feita a partir do próprio Marx, Wood observa que existem duas versões distintas de explicação da origem o capitalismo, e essas versões divergentes na própria obra de Marx dificulta conceitos contemporâneos de autores da esquerda.

A primeira explicação marxista para a origem do capitalismo na visão de Marx está em *A ideologia alemã* e em *O manifesto comunista*, ainda nos primeiros textos do dito velho Marx. Essa primeira definição é muito semelhante ao modelo convencional, onde ocorre “uma sucessão de etapas na divisão do trabalho, com um processo transitório do avanço tecnológico e com o papel principal atribuído às classes burguesas, que teriam dado origem ao capitalismo pelo simples fato de serem libertas do jugo feudal”. A segunda explicação marxista, observada em *Elementos de crítica à economia política* e

⁶ Na própria introdução de *A Origem do Capitalismo* a autora já aponta para a crise vivenciada pela economia asiática naquele momento e como ela gradativamente alastrava-se para economias menos estabilizadas.

em *O Capital*, já em um pensamento mais maduro de Marx, Wood aponta que esta está mais relacionada com “a mudança das relações de propriedade, especialmente na zona rural inglesa: a expropriação de produtores diretos que deu origem a uma nova forma de exploração e novas ‘leis de movimento’ sistêmicas” (WOOD, 2001, p. 36).

Nesse sentido, partindo do pressuposto que boa parte das obras marxistas contemporâneas sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, ou melhor, de um sistema agrário para um sistema comercial/industrial, seguiram os preceitos de Marx, a partir das obras acima citadas, Wood opta por realizar uma releitura dos principais autores marxistas pós-Marx, que ganharam o cenário da esquerda ao longo do século XX e estabelece assim sua própria tese sobre a transição capitalista: o capitalismo possui uma origem agrária e não é apenas consequencial de um sistema comercial europeu do século XV.

A EXPLANAÇÃO DA CRÍTICA AO CAPITALISMO E O “MÉTODO WOODIANO”

A detalhada análise da autora sobre a história da origem do capitalismo é o pano de fundo para uma discussão muito mais enraizada que permeia sua obra: a definição do conceito de democracia. E assim, partido deste pressuposto, analisar-se-á o conceito woodiano de democracia, que diverge em vários aspectos das interpretações burguesas da democracia e realiza uma crítica a forma como a democracia, cidadania e outros conceitos foram ao longo dos anos sendo incorporados pelo capitalismo e muitas vezes são ditos como indissociáveis deste, tal como já observado com o a própria história da origem do capitalismo.

Para definir e analisar este conceito a autora parte do pressuposto de que a história é um dos principais condicionantes para a consolidação deste modelo no mundo burguês após as revoluções liberais do século XIX e, ela só pode ser aplicada em nações as quais a conjuntura política e econômica a permitiu. A definição de democracia liberal é, sem dúvidas, uma das mais difundidas mundialmente, onde muitas vezes esse conceito está atrelado a um ideal iluminista, que acaba por tornar a democracia quase como uma propriedade do liberalismo.

No entanto, para revisar e redefinir o conceito de democracia, Ellen Wood, juntamente com Neal Wood utilizou de uma perspectiva híbrida nas ciências sociais, ao menos em sua forma adotada pelos autores. Essa perspectiva, utilizada pela primeira vez

por Neal e Ellen em 1978, é baseada na “história social da teoria política”, que diverge em certos pontos de outras vertentes textualistas, como o da contextualização marxista clássica e determinista. O diferencial woodiano para a compreensão de clássicos da ciência política e posteriormente do próprio conceito de democracia é formulado através de uma necessidade de se analisar tais obras não apenas em seus contextos, mas também suas diferentes dimensões, econômica, política e social (WOOD, WOOD, 1978, p. 54).

No tangente ao conceito de democracia, a autora teoriza como o capitalismo se apropriou deste conceito e deu a ele suas características, absorvendo ainda outros conceitos que, tal como a democracia, datam da Grécia Antiga. Para tal conclusão Wood analisa o processo de trabalho e escravidão na Grécia Antiga, pontuando como o conceito de trabalho era definido naquela sociedade e como este veio sendo transformando nas sociedades modernas e contemporâneas, principalmente após o surgimento do capitalismo. No que se refere a escravidão grega, Wood enfrenta uma corrente historiográfica hegemônica que analisa que a parcela de escravos nas *pólis* gregas era abundante e dependente de outras camadas sociais.

Assim, a obra de Ellen Wood contribui para uma análise da origem da democracia tal qual ela se configurou hoje, buscando suas origens e seus usos. Para desenvolver esta tese Wood realiza uma investigação que busca na Grécia Antiga a origem e o contexto em que o conceito surgiu e analisa como ele foi transfigurado pelas sociedades modernas, principalmente após as revoluções liberais. Nesse sentido, a autora defende, através de um contextualismo sócio-histórico, as transformações que não só o conceito de democracia passou ao longo dos períodos históricos, mas também, junto com ele as relações sociais, principalmente as relações de trabalho (WOOD, 2008).

Para a defesa desta tese Wood afirma que,

a condição do trabalho no mundo ocidental moderno, tanto na teoria quanto na prática, não pode ser inteiramente explicada sem que se busque na história da Antiguidade greco-romana a disposição distinta de relações entre as classes apropriadoras e produtoras da cidade-Estado greco-romana (WOOD, 2003, p. 157).

Observa-se que a análise de Wood é justamente sobre a forma de trabalho escravocrata, a qual teve na Grécia Antiga importante papel para a construção das relações sociais e refletiu assim na análise realizada pelos aristocratas gregos clássicos. É com este argumento que são analisadas as obras clássicas de Platão, Aristóteles e

Sócrates, tendo em mente o contexto social ao qual estas obras foram produzidas e de que forma foram excluídas deste processo as classes subordinadas, como a escrava.

Logo, com a ascensão do capitalismo, o trabalho perdeu seu *status* político e cultural, mesmo estando este em sua forma livre, não mais escravista, como forma de trabalho dominante nas sociedades capitalistas. O trabalho escravo renascido no ocidente alguns séculos depois, amplamente utilizado no sul do Estados Unidos e nas colônias europeias de exploração na América, teve um forte vínculo com o racismo e um afastamento cada vez maior do conceito grego de democracia. Nesse neoescravismo, o escravo passa a ser visto como mercadoria, como moeda de troca, não mais com sua carga social e cultural para o desenvolvimento da democracia, tal como o escravo grego (WOOD, 2003, p. 161-167).

A análise woodiana é focada na questão grega justamente pelas particularidades que aquela sociedade possuiu, tendo legado ao ocidente as bases de seu sistema de governo e ao mesmo tempo tendo sido uma das sociedades mais escravagistas⁷, como era o caso de Atenas. É a partir da análise da democracia e da escravidão grega que a autora delimita sua tese.

A crítica sobre o eclipse do trabalho livre é desenvolvida quando a autora realiza uma análise da bibliografia sobre o tema a partir do século XVIII e assinala, tal como Edward Thompson observara, que as transformações entre o trabalho e sua relação com a democracia datam daquele século, visto que foi nele que ocorreram as principais mudanças qualitativas nas relações de trabalho (WOOD, 2003: 171).

Para justificar historicamente tais transformações, a análise de Wood é baseada nas revoluções liberais e nas revoluções burguesas que emergiram entre os séculos XVI e XIX. Assim, na concepção da autora, a democracia burguesa, nas suas mais variadas formas – liberal, delegativa, representativa e consensual – acabou por se apropriar de características do modelo ateniense para servir o capitalismo a partir de sua consolidação no século XVII. Assim, a sociedade grega, muitas vezes dita como escravocrata é uma das mais debatidas quando o tema é democracia, justamente pela *pólis* de Atenas ser dita como o berço da democracia.

No caso específico de Atenas, Wood analisa a dicotomia dentro daquela sociedade, “que se ajusta de forma menos ambígua à descrição de uma “sociedade

⁷ Em *Democracia contra o capitalismo* a questão escravista tem ponto de destaque na obra, uma vez que a autora afirma que os gregos inventaram o trabalho livre e por sua vez contribuíram para o desenvolvimento de uma forma de governo que explicitava o interesse dos *demos*.

escravagista” e, ao mesmo tempo, a *polis* mais democrática, na qual a maioria dos cidadãos tinham de trabalhar para viver”, que torna o trabalho livre a base da democracia e também da economia ateniense, haja visto que boa parte dos postos de trabalho, principalmente o trabalho agrícola, era composto de grandes massas laborais assalariadas (WOOD, 2003, p. 159).

Observa-se que a substância da crítica woodiana ao trabalho escravo é pautada na forma como a historiografia têm negligenciado ao longo dos anos o trabalho livre na Grécia, quase como que se este fosse esporádico e mais ainda, fosse desconexo do surgimento da democracia, gerando assim o conceito aplicado pela autora, que é o eclipse do trabalho livre frente ao trabalho escravo nas mais distintas narrativas historiográficas. Exposto isso, cabe destacar que as narrativas dominantes definem muitas vezes uma parcela da população ateniense como ociosa. Esse termo empregado por alguns historiadores liberais vem de encontro com ascensão de uma burguesia industrial, que observava a partir do século XVII a insubordinação de operários fabris que oscilavam entre o “clamor e o motim”, tornando assim o trabalho livre, assalariado e sem propriedade predominante, pela primeira vez na história e colocando esse novo grupo social sob uma forma de governo utilizada agora como forma de contenção política: a democracia (WOOD, 2003, p. 172).

Observa-se que, permeando os textos de Ellen Wood, a preocupação de compreender a Teoria Política como ferramenta chave do desenvolvimento e da ação humana torna-se algo fundamental em seu pensamento. Dentre as várias obras da autora, é em *A Trumpet of Sedition* (1997) que ela e Neal Wood analisam o modo como a própria teoria política configurou-se historicamente e qual é sua função na construção de um pensamento político em diferentes momentos da história por meio de diferentes pensadores. A tese dos autores é de que o pensamento político tenha sido desenvolvido a partir da Revolução Gloriosa na Inglaterra, sendo este mais intenso nesta região do que em outras. Nota-se que o pano de fundo para o desenvolvimento desta área do conhecimento é ambíguo, estando pautado no nascimento do capitalismo agrário e na centralização do Estado inglês (WOOD, 1997).

Na mesma obra os autores analisam a contribuição de John Locke para o desenvolvimento do pensamento político contemporânea, principalmente a partir da *Carta acerca da tolerância* e do *Segundo Tratado sobre o Governo* (1689), que segundo os autores são textos que moldaram todo o fazer política nos séculos seguintes,

afetando assim o próprio conceito de Ciência Política e contribuíram para o questionamento de qualquer superioridade racial, social ou humana.

O cenário político inglês torna-se confluyente para o desenvolvimento de questões sociais e vinculadas ao político, como: sociedade civil, Estado e propriedade privada. Estes temas foram ainda paralelamente desenvolvidos em outras sociedades e analisados por boa parte dos pensadores dos séculos XV e XVI, embora que os autores definam que cronologicamente este campo da ciência tenha surgido ainda na Grécia Antiga com Aristóteles, Platão e Sócrates.

Como já observado, a ideia contextualista é desenvolvida ainda em parceria com Neal Wood na obra conjunta, *Class ideology and ancient political theory: Socrates, Plato, and Aristotle in a social context*, publicada em 1978. Observa-se ali uma guinada por parte dos Wood em direção ao contextualismo, visando explicar o desenvolvimento da democracia a partir de uma perspectiva ateniense. Embora como já analisado, a visão de Wood sobre a sociedade grega e a democracia foi aprimorada ao longo dos anos, mas a essência de sua análise contextualista está fundada nesta obra em parceria com Neal Wood.

É nesta obra que os autores analisam a influência do contexto social em cada um dos filósofos gregos clássicos, partindo de um pressuposto de que o contexto tem papel predominante na consolidação de seus pensamentos e como este interferiu na consolidação do ideário democrático grego. No caso de Platão e Aristóteles, a autora afirma que a formação de um sentimento antidemocrático em determinado momento foi essencial para a interpretação contemporânea deste conceito. Assim, observa que

Historiadores da Grécia Antiga e estudiosos da antiguidade clássica, cujos corações e mentes têm sido escrupulosos ao empregar evidências fornecidas pelos socráticos, permitiram que eles fossem compreendidos de maneiras contraditórias, se fossem ideologicamente úteis. Os filósofos socráticos foram aceitos como testemunhas e representantes, como críticos espinhosos e como porta-vozes, papéis que nem sempre lhes foram compatíveis (WOOD, WOOD, 1978, p. 258).

Já caminhando para o fim, nota-se ainda uma forte análise de Wood no que se refere ao pós-modernismo e principalmente em como este conceito difundiu-se vastamente a partir dos anos 1960. O pós-modernismo, ao menos em sua raiz histórica nega o universalismo iluminista. Ao mesmo tempo que esta negação estabelece um

questionamento ao conhecimento científico ocidental e sua construção ao longo da história é ao mesmo tempo uma contração.

De acordo com Ellen Wood (1999, p. 18) o respeito a pluralidade de um modo geral não implica a uma rejeição radical a diversidade e as diversas lutas sociais as quais o marxismo sempre esteve vinculado. Assim, na visão da autora, não é necessária uma adesão aos pressupostos pós-modernistas para a compreensão de seus temas, que clamam por uma explicação materialista.

Assim, o materialismo histórico é confirmado pelo vínculo entre a cultura pós-modernista e o capitalismo consumista desenfreado. Uma análise materialista dessa questão é o passo inicial para a transformação de tudo em mercadoria, gerando consequências tão desastrosas como nunca se viu na história da humanidade (WOOD, 2003, p. 18). A crítica woodiana é pautada em uma preocupação a qual os pós-modernistas se inseriram após os anos 60 e, tendo, nos anos 90 declarado o “fim da história”. Este termo é utilizado por alguns pós-modernistas para elencar aparente triunfo do capitalismo no pós-Guerra Fria. Pensar no fim da história é uma análise unilateral, que acaba por legitimar o capitalismo e colocar a esquerda em segundo plano. Esse contexto vivenciado pela Europa após os anos 1960 refletiu diretamente ainda no cenário de áreas mais distantes dos grandes centros de difusão do capitalismo, como na América Latina e na Ásia e configura-se com um dos eixos centrais de compreensão do pensamento de Ellen Wood, que acabou levantar discussões metodológicas e conceituais tão amplas que acabaram abalando alguns paradigmas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o método utilizado por Ellen Wood trouxe uma perspectiva alternativa no que se refere à concepção da democracia enquanto resultado de um ideário burguês. O resgate histórico e detalhado realizado pela autora traz para o centro da discussão a incompatibilidade do capitalismo com a democracia e a forma como esta foi absorvida e transfigura a partir de suas origens na Grécia Antiga.

Esta análise traz ainda para a Ciência Política e para as reações sociais e de trabalho uma nova perspectiva sob o ponto de vista do trabalho escravo e da aristocracia grega. Sob esta análise, o trabalho escravo torna-se a base de surgimento e de consolidação do primeiro conceito de democracia, onde o *demos* exerce o *kratos*, representando uma ruptura em todo o sistema produtivo e interpessoal naquele grupo

específico. Porém, nota-se que permeando o ideal grego de democracia tornou-se apenas o ponto de partida para essa discussão. Permeando todo o exposto, observa-se que alguns eventos ainda na descentralização do Estado inglês e a posterior “germinação” do capitalismo contribuíram para a base ideológica da análise de Ellen Wood sobre as perspectivas conceituais analisadas pela autora.

Em *A trumpet of sedition* (1997) é quando isso fica mais claro para o leitor, uma vez que o objetivo central de Wood naquele momento fora explorar conceitos utilizados pela ciência política, como Estado, sociedade civil e propriedade, e por fim dentro de um recorte histórico (1509-1688) identificar os primeiros elementos da crítica ao conceito de democracia liberal e as interpretações posteriores a este período.

O diferencial na perspectiva woodiana é a relação estabelecida pela autora entre o contexto histórico local e o desenvolvimento de questões políticas. Uma análise das relações sociais ocidentais acaba por demonstrar que o vínculo entre a história e o pensamento político é de relação mútua. Enquanto a primeira fornece as bases da organização social, o segundo é um produto histórico, sendo resultado das relações sociais, conflitos e as condições específicas ao qual determinada sociedade é exposta em dado momento (WOOD, 1997, p. 114).

Um exemplo concreto utilizado pela autora é referente aos teóricos da Ciência Política. De Maquiavel a Gramsci, todos tem sua teoria permeada pelo contexto ao qual estando inseridos e influenciados por seus antecessores. Nesse sentido, a autora realiza uma análise de grandes autores clássicos da Ciência Política e da Filosofia a partir de uma visão contextualista, dando ao contexto social uma importância não comum por parte de autores marxistas (Wood, 2012).

Dadas as respectivas análises, consta-se que o panorama woodiano sobre os conceitos aqui propostos de análise acabam por delimitar a própria Ciência Política em sua concepção contemporânea, que como a própria autora observara foi criada tardiamente e em alguns momentos enfrentou dificuldades em sua consolidação, estando ligada fortemente a filosofia da natureza em alguns momentos. Um desses exemplos é a interpretação da teoria política como um produto histórico, escrita em contextos específicos e respondendo a eventos específicos, ou seja, a base do contextualismo sócio-histórico de Ellen Wood é desenvolvida justamente analisando questionando que as ideias de teóricos clássicos são reflexos de seus contextos. A proposta é de que justamente obras de como as de Locke, de Aristóteles e até do próprio Marx sejam interpretadas não só levando em conta seus contextos e suas relações econômicas observadas naquele

momento. E assim, Wood lança as bases para uma interpretação alternativa da narrativa de surgimento do capitalismo e questiona a hegemonia capitalista, negando a existência do fim da história, ou melhor, do fim do marxismo após 1991 e deixa como herança indireta uma perspectiva para futuras interpretações e questionamentos sobre o tema a partir de seu trabalho.

REFERÊNCIAS

MONTENEGRO, Darlan. A separação entre o econômico e o político e a questão da democracia no pensamento de Ellen M. Wood. In: **Revista Crítica Marxista**, v. 3(34): 111-207, 2012.

WOOD, Ellen M.; WOOD, Neal. **A Trumpet of Sedition: Political Theory and the Rise of Capitalism (1509-1688)**. New York: New York University Press, 1997.

_____. **Class ideology and ancient Political Theory: Socrates, Plato, and Aristotle in Social Context**. Oxford: Blackwell, 1978.

WOOD, Ellen Meiksins. O que é a agenda pós-moderna?. In: Wood, Ellen M.; Foster, John B. (org.). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 7-22, 1999.

_____. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Citizens to Lords: a Social History of Western Political Thought from Antiquity to the Middle Ages**. Londres: Verso, 2008.

_____. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Liberty and Property: A Social History of Western Political Thought from the Renaissance to Enlightenment**. Londres: Verso, 2012.

_____. **“Os coveiros do capitalismo”**. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/os-coveiros-do-capitalismo/>. (consultado em 27/09/2020).

<p>Artigo recebido em: 06/12/2020. Aprovado em: 24/02/2021.</p>
